

JAMES D. G. DUNN

JESUS

segundo o Novo Testamento



Preâmbulo

Nos dias que correm, é provável que haja uma grande perplexidade por parte dos leitores do Novo Testamento que integram as comunidades cristãs (e por parte de um público mais alargado) face à diversidade e complexidade do que sobre ele é escrito. Tanto aqueles que arriscam uma literatura mais académica como aqueles que optam pelas últimas estórias sensacionalistas da imprensa sobre Evangelhos “perdidos” e histórias alternativas podem sentir vontade de ecoar Maria Madalena: «Tiraram do túmulo o meu Senhor e não sei onde O puseram.» (Jo 20,2) O que podemos verdadeiramente saber sobre Jesus? Será o Novo Testamento apenas um conjunto de tradições confusas e pouco fidedignas, agrupadas sob o selo da autoridade da Igreja?

O professor Dunn, um dos mais respeitados e prolíficos biblistas do nosso tempo, autor de múltiplos estudos inovadores sobre o Novo Testamento, inicia esta obra com uma questão muito simples, mas de fundamental importância. Na verdade, é uma questão de bom senso: «O que aconteceu na vida e no pensamento de Jesus que possibilitou a existência dos textos neotestamentários?» Tal pergunta não equivale a dizer que tudo o que lemos no Novo Testamento é meramente um registo de eventos nem que o pensamento dos primeiros crentes é-nos imediatamente acessível, mas

lembra-nos que o movimento que deu origem aos escritos que lemos nos Evangelhos, nos Atos e nas Cartas canônicos começou com a narrativa de uma figura histórica específica cujas palavras e ações eram suficientemente diferentes da norma para captarem a atenção.

Tal como outros académicos contemporâneos, o professor Dunn é cético em relação ao ceticismo que tem prevalecido num número não insignificante de discussões eruditas. Se um determinado número de coisas sobre Jesus não fossem verdadeiras, seria muito difícil a emergência de determinados textos e discursos. Muitos autores sublinham que existem alguns pormenores das narrativas evangélicas que foram preservados ainda que as igrejas primitivas não os compreendessem plenamente, como a descrição que Jesus faz de Si mesmo enquanto «Filho do Homem» ou o modo como é lembrado por falar no «Reino de Deus». Se nunca tivesse dito uma palavra sobre a morte que sabia que estava a arriscar, seria complicado compreender como começou a complexidade da linguagem utilizada para interpretar o Batismo e a Última Ceia. O mais simples de todos os pontos, bem demonstrado pelo professor Dunn, é o facto de Jesus ser lembrado como um contador de parábolas de um modo que difere de todas as outras figuras neotestamentárias e que é muito raro entre os seus contemporâneos judeus. As parábolas são um dos traços distintivos da “tradição de Jesus” e abrem-nos ao seu entendimento sobre a relação do quotidiano com o sagrado, ainda tida como radical.

O Novo Testamento é provocador para os leitores porque os seus textos são simultaneamente divergentes uns dos outros e convergentes uns com os outros. Este entretecido de divergências e convergências é justamente o motivo que nos deve refrear de aceitar sem mais a tendência que defende que o Novo Testamento não passa de uma seleção pouco

representativa de escritos escolhida por prelados ditatoriais dos primeiros séculos. O professor Dunn, com uma clareza exemplar e uma discreta argúcia académica, traça tanto as continuidades como as descontinuidades dos diversos escritos e das comunidades que a eles recorreram, realçando as tónicas locais e as reviravoltas controversas da narrativa que se desenvolveram em alguns lugares. Muitos leitores sentir-se-ão aliviados ao perceberem que acreditar na consistência do Novo Testamento não é o mesmo que ter de assumir que todos os autores neotestamentários disseram exatamente a mesma coisa. Até porque o que acontece à volta da figura de Jesus é experimentado de maneira tão inefável que se torna impossível comunicar de uma só vez ou de ver a partir de uma única perspetiva, como, aliás, o final do Evangelho de João o afirma tão eloquentemente: «Os livros que seriam escritos não caberiam no mundo.» (Jo 21,25)

Este estudo sobre o que a história de Jesus significou para as primeiras gerações cristãs torna-se num testemunho teológico poderoso ao procurar desvelar o mistério desses acontecimentos. Esta obra procura nutrir uma fé que não seja acrítica e que seja continuamente redirecionada ao assombro do testemunho originário. É ao apropriarmo-nos desse assombro que a nossa fé cresce e aprofunda-se. O professor Dunn conduz-nos ao enriquecimento da alegria, da confiança e da gratidão.

Rowan Williams

Índice

	Preâmbulo	7
	Prefácio	11
I.	Jesus segundo Jesus	15
II.	Jesus segundo Marcos, Mateus e Lucas	47
III.	Jesus segundo João	79
IV.	Jesus segundo os Atos	105
V.	Jesus segundo Paulo (parte 1)	135
VI.	Jesus segundo Paulo (parte 2)	163
VII.	Jesus segundo os Hebreus	189
VIII.	Jesus segundo Tiago, Pedro, João e Judas	209
IX.	Jesus segundo a Revelação	233
	Posfácio	249
	Apêndice 1	251
	Apêndice 2	252
	Bibliografia	255
	Índice de nomes	257
	Índice de referências bíblicas e de outros textos antigos	263